

Uma cópia, sem ação e charme, de "Casablanca"

Casablanca, produzido em 1942, em plena guerra, até hoje é um dos filmes favoritos de muita gente, por causa dos diálogos deliciosamente românticos, o charme de Ingrid Bergman, a canção-tema (As Time Goes By), a excelência das interpretações de apoio, o ritmo e o corte perfeitos. Até hoje Casablanca continua uma obra-prima, embora tenha sido um filme improvisado (as cenas foram escritas um dia antes de serem filmadas e ninguém sabia como terminaria o filme — daí, segundo Ingrid Bergman, a qualidade).



Charles Bronson, comparado a Humphrey Bogart, nada tem a fazer, exceto falar, em Cabo Blanco

Casablanca também é o filme favorito de J. Lee Thompson, o autor de Os Canhões de Navarone e do recente Passagem em Perigo. Ele acredita que os nazistas ainda são os mesmos e por isso seus filmes se ambientam sempre na época de segunda guerra. Por isso a história de CABO BLANCO (no Paz, até amanhã) pretende ser, não uma homenagem, mas uma cópia, sem disfarce, de Casablanca.

Não há como comparar. Do primeiro filme existem apenas um cenário (o bar Rick's do original é agora um hotel-bar à beira da praia), um personagem (Charles Bronson, como Humphrey Bogart, está fugindo da justiça americana e se apaixona por Dominique Sanda, também uma mulher misteriosa como Ingrid Bergman). A comparação termina aí — não existe a mesma qualidade de texto nem a excelência das interpretações. Conrad Veidt, no original, era um clínico e divertido colaborador nazista. Aqui, Fernando Rey, no pior sotaque de que se tem notícia, é um policial corrupto sem charme e elegância. Dominique Sanda tem chance de entrar no bar — falta-lhe, porém, a delicadeza e a experiência de La

Bergman. Apenas o vestido também é decor branca.

O vilão ainda é um nazista, interpretado com indiferença por Jason Robards Jr. Charles Bronson deve ter aceito o papel porque ele o compara com Humphrey Bogart. Mas nada tem a fazer, exceto falar. Dominique Sanda não representa nem mesmo uma chance de duelo — é uma atriz medíocre, com um sotaque inglês que dificilmente esconde a repetição da decoração.

Tudo gira em torno de um tesouro que estaria no fundo do mar, a bordo de um navio afundado pelos nazistas, na costa do Peru. O ideal para uma aventura romântica. Mas J. Lee Thompson não tem classe — por isso sua história, com personagens e temas copiados, se arrasta em monotonia e decepção para a platéia, qualquer que seja ela. Até mesmo aquela que vai ao cinema só por causa do nome de Charles Bronson. (A.A.)

Reagan, o macartismo e o cinema nacional

Na década de 50, o senador Joe McCarthy causou um prejuízo enorme à cultura americana quando, na falta de outro assunto para tentar a reeleição — McCarthy era o que os americanos chamam de illiterate; de fraude em fraude conseguiu se eleger —, voltou-se para Hollywood, a cidade do cinema, sob a alegação de os filmes produzidos lá faziam propaganda comunista. Nenhum filme americano, todos sabem, jamais se atreveu a tanto. Dezenas de artistas, escritores, técnicos, diretores, tiveram suas carreiras prejudicadas, pela delação, pela perseguição ou sob a acusação de serem comunistas. Um dos delatores é o hoje presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, um canastrão em filmes classe B, destinado ao público de matins. A atriz Jane Wyman, premiada com o Oscar por Johnny Belinda, pediu o divórcio logo após seu marido Reagan ter viajado para Nova Iorque e denunciado voluntariamente vários colegas. Jane achou uma afronta continuar casada com um delator, difamador e mentiroso. A escritora Lillian Hellman, o maior nome feminino da dramaturgia americana, perseguida, processada e difamada, escreveu um livro, A Época dos Patifes em que usou uma epígrafe famosa para definir a delação a perseguição do macartismo: "O patriotismo é o último refúgio dos canalhas". Na mesma época, o cientista e sexólogo Wilhelm Reich foi denunciado porque fazia experimentos com ratos no porão de uma casa e possuía livros de Hitler e Marx. Foi preso porque se recusou a reconhecer autoridade científica no juiz, afirmando depois que, como cientista, precisava ler tudo, inclusive a Bíblia, mesmo livro que tinha em casa. Reich morreu na prisão, após uma greve de fome. Como resposta à delação, ainda teve tempo para escrever um manifesto, Escuta Zé Ninguém em que denunciava a "diarria mental" dos patriotas e denunciava ores.

Por que esta ira contra intelectuais e artistas, pessoas consideradas "excêntricas" cujos experimentos e inventos são posteriormente aprovei-

tados pela sociedade? Por que o anti-intelectualismo nunca saiu de moda? Por que a reflexão em veículos de comunicação como o cinema, a literatura e a TV provocam, na década de 80, tanta reação contrária? Por que o pensamento agride tanto a certa parte da sociedade?

O cinema já foi chamado de "a arte do século XX" — exatamente porque alguns autores, através de experimento, conferiram-lhe uma linguagem específica, ultrapassando o teatro, que lhe forneceu a dramaturgia e a literatura, que lhe deu o discurso. Assim, o cinema conseguiu refletir o próprio momento que a humanidade vivia — e sua linguagem era tão poderosa que um filme conseguia ser entendido em qualquer parte do mundo. A televisão, que só depois da década de 50 passou a atingir as massas, ainda procura essa linguagem — não encontrou um artista que pudesse exprimir, refletir e analisar o mundo através de seus recursos, sem que essa técnica fosse apenas um arremedo do cinema.

O cinema é um empreendimento caro e, mesmo no Brasil, os autores encontram dificuldades não apenas de expressão, mas de realização. Alguns filmes são apenas comerciais e exploram esquemas conhecidos, apenas com títulos diferentes e algumas variações, para explorar o público. Para atingir a este público, os produtores recorrem à expressão mais simples e primária. A manutenção das pornochanchadas é apenas uma consequência do regime arbitrário que vivemos, especialmente durante o período Médici. Agora, as pornochanchadas apenas não escondem suas intenções — que apenas ganhar dinheiro fácil, com a exploração do sexo. A intenção, em termos artísticos, é ingênua. São insustentáveis, intelectualmente. Estranhamente, as pornochanchadas — que só serviram para aumentar a miséria sexual em que vive a maior parte da população, desinformada inclusive a respeito de sua função biológica —, estão sendo atacadas, através de um ponto de vista moralista. Segundo o deputado

federal Antônio Feu Rosa, em artigo publicado ontem em A GAZETA, essas pessoas atacam as pornochanchadas por serem "ardentes e ardorosos defensores dos nossos bons costumes e dos pilares da sociedade, que estão, sem sombra de dúvida, suportando o edifício cívico da pátria, e que se acham repousando na pureza sacral de nossas origens cristãs".

A pornochanchada é apenas uma manifestação — óbvia com a abertura — da indigência cultural do país. Esses filmes atacados pelos moralistas, na verdade são exatamente moralistas e tão reacionários como os parlamentares Dirceu Cardoso e Antônio José Miguel Feu Rosa. Antes da abertura, o esquema seguia um mesmo ritmo, apenas com títulos diferentes: a mulher era apenas objeto sexual, veículo de prazer para o homem, nunca sua companheira; a miséria que o sexo representa para os velhos era sempre motivo de ridículo, nunca de compreensão e questionamento; os homossexuais, por sua preferência sexual, eram marginais ou doentes mentais, portanto, motivos de ridículo; as negras eram sempre domésticas. Restava, como personagem e centro do universo desses filmes, o macho, o homem, branco, católico, a que tudo é permitido — porque dele a nação espera tudo de melhor. Assim, na era Médici, o governo tolerava a pornochanchada, porque sua filosofia era moralista e, indiretamente, sustentava a ideologia predominante.

Não é verdade, como quer o deputado Feu Rosa, que as elites intelectuais tenham se revoltado contra as pornochanchadas — todo intelectual responsável criticou seu posicionamento, nunca a oportunidade que as pornochanchadas têm de circular livremente. Porque os intelectuais sabem que elas têm censura para maiores de 18 anos, que comprarão seu ingresso e se informarão sobre o seu conteúdo. Nenhum intelectual acusou a Embráfime de financiar pornochanchadas — a Embráfime

conhece o talento dos cineastas brasileiros e financiou apenas a realização de filmes, entre outros, que observariam o erotismo como fenômeno inerente ao ser humano e nunca explorariam o sexo ou desrespeitariam a inteligência do público — esta, a mais ofendida na existência das pornochanchadas. Nenhum crítico responsável deste país acusou de "imundície" filmes como Império dos Sentidos, Último Tango em Paris e Decameron, todos ostentando nível artístico acima da média. Os críticos observaram apenas que Emmanuelle é um filme sem importância artística e jamais condenaram seu posicionamento sexual. Nenhum intelectual responsável estaria solidário com uma medida que determinasse a proibição de importação de filmes "imorais, obscenos e que só nos são prejuízos tanto moral como financeiramente" simplesmente porque nenhum intelectual responsável aceitaria a tarefa de proibir a livre circulação de idéias e a livre circulação de veículos de comunicação social. Todos os intelectuais responsáveis sabem que aquilo que é considerado obsceno por alguns que detêm o poder não é considerado obsceno por outros que não detêm o poder — mas reflete a realidade em seus artigos. E todos os intelectuais responsáveis sabem que a tarefa de proibir a manifestação artística sempre gerou prejuízos ao país em que ela ocorreu. Assim como na Alemanha em 1933, quando se queimaram livros em praça pública e em 1952, nos Estados Unidos, com o macartismo. Os que os intelectuais responsáveis manifestam atualmente neste país é o desejo de que o cinema nacional possa manter um diálogo cada vez mais estreito com o público e que esses mesmos intelectuais possam criticar, registrar e elogiar o avanço artístico, a reflexão e a contribuição que esses filmes possam trazer à sociedade. Nenhum intelectual responsável deseja jamais que um filme seja proibido por causa de seu tema. Os intelectuais esperam que o público possa escolher o espetáculo que deseja ver. (Amylton de Almeida)



Ivaldo Venturim apresenta em Vila Velha esculturas em papel e cola

As muitas mostras da cidade

Acontece mostra no Novotel, no Carlos Gomes, no Kleber Galvães, no Espaço Universitário, na Homero Massena e na Santa Luzia, sem contar com as mostras de acervo das galerias particulares Trópico e Marli Vivaqua.

Através da Aliança Francesa, que está iniciando uma série de programações culturais, um salão do Novotel em Camburi, estão em exposição obras de M. M. pintor japonês residente em Paris e tratado, e realizado por peruanas radicadas em Mangueiras.

Já no Teatro Carlos Gomes, há a exibição dos trabalhos realizados como pesquisas de bolistas-arte, da Ufes, Cléria Crema e Rosângela Martins, há cerca de 15 trabalhos, onde as duas mostram os resultados obtidos com o estudo do traço como forma de expressão (Cléria) e a cor e o movimento no desenho.

No Ateliê Kleber Galvães estão expostos trabalhos de Guilherme Merçon e Ivaldo Venturim. Guilherme apresenta desenhos, aquarelas e bico de pena, depois de um ano de ausência, cursos relacionados com o seu trabalho anterior. Ivaldo é novato e apresenta um trabalho raro em termos de criação de bonecos, com papel e cola.

No Espaço Universitário continua o Salão Capixaba Universitário de Artes Plásticas. Há premiados e não premiados, mas este ano, com uma participação menor em termos quantitativos, a qualidade das obras melhorou e a organização de apresentação do salão dá um melhor visual para os visitantes. Há destaques como o tapeçeiro Ronaldo Mateus.

Na Homero Massena, a mostra da semana foi de Ilária Rato Zanandrea que apresenta 37 trabalhos em xilogravura e que representam uma pesquisa que esta artista vem desenvolvendo há muitos anos com relação às obras de arte da história da humanidade. Ilária considera que ainda está iniciando este tipo de trabalho, pois a extensão temática é imensa, há também muito campo internacional. Esta artista tem curso de especialização com grandes instituições e internacionais, é professora da Ufes, além de manter um ateliê de arte livre que leva o nome de seu pai José Rato.

Talvez a importância da mostra de Ilária Rato seja definitivamente comprovada com o lançamento de livro sobre o processo técnico que tem desenvolvido na xilogravura, pois pretende partir para isto. Trata-se de um trabalho sério de quem sabe o que quer e o que faz.

Na Santa Luzia, até domingo a mostra será do desenhista Cid de Oliveira. São cerca de 17 trabalhos e este pernambucano radicado há 12 anos no Rio trouxe para Vitória trabalhos baseados na simbologia universal religiosa, impregnados de fantasia medieval e que ele próprio explica que pertencem ao seu Nordeste, pois o tudo folclore pernambucano toda uma estrutura secular, como vitórias, vacuejadas etc.

Cid de Oliveira é um desenhista que se dedica totalmente à vida profissional com relação ao seu desenho, que é sempre sobre o papel e com base em tintas aquosas. (Carlos Chaves)

Sátira à Ufes continua atraindo muito público

BR. TBES. C. 485

A peça *Universus Sancti Spiritus*, montada pelo Grupo Blulululum Oficina de Teatro Contemporâneo, formado por estudantes de Comunicação, termina hoje às 10 horas sua carreira, no clube da Sub-Reitoria Comunitária da Ufes, no Campus. O ingresso custa Cr\$ 30,00. Trata-se de um texto escrito por Carlos Magno Godoy e Marcelo Ferreira que satiriza a estrutura educacional do país, tomando por base a realidade interna da Ufes. É uma crítica também ao estudante que se submete ao modelo do universitário criado pelo sistema oficial e alerta para a ilusão que é a conquista do diploma como garantia de mercado de trabalho. O grupo reivindica uma forma anárquica de fazer arte, colocando-se contra todos os valores da sociedade atual, mas sendo solidários com outros segmentos sociais quando também busca a liberdade individual. As sessões do espetáculo, iniciadas segunda-feira, estão sendo assistidas por um bom público, apesar da distância do clube e do horário noturno. O patrocínio da montagem é do Centro Acadêmico Livre de

Comunicação da Ufes e apoio do Sesc. No elenco, Carlos Magno Godoy, Marcelo Ferreira, Sandra Pin, Norma Fernandes, Janete, Wellington Scopel, Marta Oliveira, Jussara, Lia, Jorge, Anírio, Nana, com participações especiais de Renato Saudino e Virgíno Lima e grupo musical Cheiro do Povo.

A SEREIA DE MEAÍPE

Bob de Paula, integrante do grupo da Barra, está anunciando uma remontagem de *A Sereia de Meaípe*, peça infantil que ele mesmo escreveu e que se baseia numa lenda capixaba. O espetáculo será apresentado neste sábado, às 19 horas, no auditório do Colégio Maristas, em Vila Velha, onde Bob é professor de inglês e diretor cultural da Associação de Pais e Mestres. A entrada é franca, pois a encenação faz parte da semana cultural do colégio. Bob de Paula pretende continuar apresentando a peça em colégios e solicita que os estabelecimentos interessados em promover apresentações entrem em contato com ele.



Bob de Paula remonta A Sereia de Meaípe



Virgíno Lima participa do espetáculo em cartaz na Ufes

"Sentinela":

Feliz estréia de Milton Nascimento na Ariola

Mantendo firmes as suas convicções, mostrando que sabe perfeitamente aonde quer chegar e sem se abalar com as opiniões que são emitidas por alguns críticos mais radicais, embora em sua trajetória artística tivesse acontecido os bons e maus momentos, o radicalismo é inaceitável, e aí está o carioca (criado em Três Pontas) Milton Nascimento sendo lançado com o seu disco de estréia pela gravadora Ariola: "Sentinela", exatamente o 13º de sua carreira.

As tentativas de Milton gravar essa música vêm de 1968, uma época ingrata e perigosa para os artistas donos de uma bagagem musical mais profunda, com versos apresentando conotações e conflitantes com a posição política do País, provocando o adiamento da sua inclusão nos discos que se seguiriam. Então, ao longo desses 12 anos, "Sentinela" pôde ter o cuidado e carinho que os autores (Milton-Fernando Brand) sempre lhe dispensaram. A voz e interpretação fortes e bem colocadas de Nana Caymmi estão presentes e Milton explica: "Nana foi uma das primeiras a ouvir e a cantar comigo 'Sentinela'. Desde 1968 o casamento de nossas vozes dava o sentido necessário à interpretação". E a explicação está perfeitamente certa, pois

a atuação de Nana é irrepreensível, uma das mais corretas entre as muitas que se conhece.

A faixa-título é a melhor do disco, não só pela preparação, em todos os sentidos, como pela participação dos beneditinos do Colégio Notre Dame e pelos arranjos admiravelmente feitos por Wagner Tiso, comandando um órgão de igreja, impregnando a música de um clima solene e bonito. As demais faixas são um complemento de alta categoria, não cabendo, entretanto, termos comparativos com "Sentinela".

Seus versos identificam o compositor daquela época em relação aos conflitos políticos nacionais e que tiveram influência importante na sua carreira: "... Morte, vela, sentinela sou/ do corpo desse meu irmão que já se foi/ revejo nessa hora/ tudo que ocorreu/memória não morrerá". A memória, lembranças são temas básicos nas composições de Milton Nascimento. Tanto a memória de seu tempo, como a de sua gente e suas influências.

No início de sua carreira Milton Nascimento juntou-se a um grupo de músicos, o Som Imaginário que, apesar de dificuldades as mais diversas fez apresentações no Teatro Opinião durante um ano. Esses espetáculos serviram



MILTON NASCIMENTO

SENTINELA

para revelar instrumentistas do quilate de Wagner Tiso, Zé Rodrix (este, talvez por imaturidade, não deu seguimento à vocação e desandou a compor musiquinhas incosequentes). Robertinho Silva (bateria e efeitos rítmicos) Luis Alves — hoje, Luisão (baixo) e Nanã (percussão).

Em 1973, com inclusões de outros instrumentistas, o Som Imaginário acompanhava Milton no "Milagre dos Peixes", praticamente um LP sem letras, até nos dias de hoje muito procurado pelos que vêm acompanhando a sua carreira e por outros que se tornaram interessados em sua arte. "Milagre dos Peixes" foi apresentado no João Caetano no Rio e no Teatro Municipal de São Paulo, acontecendo aí, praticamente, a abertura e a aproximação do autor-instrumentista-interpretante com o público.

Neste seu disco de estréia na Ariola, nota-se perfeitamente que Milton expande seus dotes vocais, "solta a voz nas estradas", como registrou em sua primeira música de sucesso, "Travessia". E isso acontece nas faixas

mais simples, como "Peixinhos do Mar", resultado do seu senso pesquisador, que soube dar nuances diferentes na simplicidade da cantiga de marujada, recolhida em Montes Claros. Em "Um Cafuné na Cabeça, Malandro, eu Quero Até de Macaco", Milton, numa feliz lembrança, transporta para o disco a voz de Leila Diniz, aproveitando uma curta-metragem feita por Mariza Leão. O nome da música refere-se a uma frase que Leila dizia sempre que surgiam oportunidades.

Em resumo, a qualidade técnica, repertório, atuação de Milton Nascimento e seus músicos e convidados fazem de "Sentinela" o melhor trabalho até agora aparecido neste 1980 e dificilmente aparecerá outro, neste final de ano, que o suplante ou mesmo se iguale. É como diz seu amigo e parceiro, Fernando Brant: "Sentinela", a música, o disco, é um depoimento de vida, que começa com aqueles amigos e nossa experiência comum e continua diariamente na alegria do convívio com nossos pais, nossos filhos, nossos irmãos e nossos amigos.